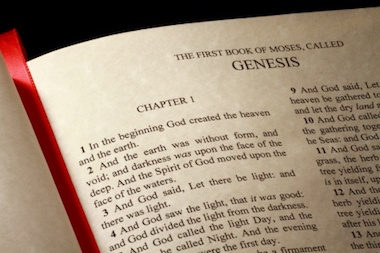
# Homens Que Foram Convertidos Ao Tentarem Refutar A Bíblia

**- Parte 1 de 3 -**

Por David Cloud

Publicado pela *Way Of Life Literature* em o7 de abril de 2014.



**A**cima de todos os outros livros, a Bíblia foi odiada, vilipendiada, ridicularizada, criticada, restringida, proibida, e destruída, mas *tudo isso* tem sido em vão. Como alguém bem disse,

“Nós também podemos expor nosso ombro sob a roda ardente do sol, e tentar pará-lo em seu curso flamejante, como uma tentativa de impedir a circulação da Bíblia” (Sidney Collett, ***Tudo Sobre A Bíblia****,* Página 63).

Em 303 d.C., o imperador romano Diocleciano emitiu um edital para que os cristãos fossem impedidos de adorarem a Jesus Cristo e suas Escrituras fossem destruídas. A cada oficial no império ordenou-se a destruição e a demolição das igrejas e a queima de todas as Bíblias encontradas em seus distritos (Stanley Greenslade, Cambridge – ***História da Bíblia***). Vinte e cinco anos depois, o sucessor de Diocleciano, Constantino (*um falso convertido ao cristianismo que buscava apenas reforço político*), emitiu outro edito ordenando que cinquenta Bíblias fossem publicadas a expensas do governo (Eusébio).

Em 1778 o infiel francês Voltaire se gabou de que em 100 anos o cristianismo deixaria de existir, mas dentro de 50 anos a Sociedade Bíblica de Genebra utilizava a sua imprensa e casa *publicadora* para imprimir Bíblias (Geisler e Nix, ***Uma Introdução Geral À Bíblia***, 1986, pp. 123 , 124).

Robert Ingersoll certa vez se gabou: “Dentro de 15 anos terei a Bíblia alojada em um necrotério”. Mas Ingersoll está morto, e a Bíblia está viva e bem.

Na verdade, muitos *dos* que se propuseram refutar a Bíblia, ao invés *de conseguirem* isso, foram convertidos. A seguir *apresentamos* alguns *homens* que são *apenas* poucos, *de muitos,* exemplos:

**Gilbert West (1703-1756)**

Gilbert West foi incluído em ***Vidas Dos Mais Eminentes Poetas Ingleses****,* de Samuel Johnson. Como estudante em Oxford, West começou a *buscar* desacreditar o relato bíblico da ressurreição de Cristo. Em vez disso, tendo provado a si mesmo que Cristo ressuscitou dos mortos, ele foi convertido. West publicou suas conclusões no livro ***Observações Sobre a História e As Evidências da Ressurreição de Jesus Cristo*** (1747). Na folha *de rosto* havia a seguinte *frase* impressa: “Não censure antes que você tenha examinado a verdade”.

West concluiu seu livro com estas palavras:

“Se Cristo não tivesse ressuscitado e provado por muitos sinais infalíveis ter ressuscitado dos mortos, os Apóstolos e os Discípulos não poderiam ter nenhum incentivo para crer nEle, isto é, reconhecê-lo como o Messias, o Ungido de Deus; Pelo contrário, deveriam tê-lo tomado por um impostor, e sob essa persuasão nunca poderiam ter se tornado pregadores do Evangelho, sem se tornar *apenas* entusiastas ou impostores, e *debaixo de qualquer uma de* ambas estas reputações seria impossível que eles tivessem tido êxito, na medida em que nós estamos certos de que eles tiveram, tendo em conta a sua insuficiência natural, a forte oposição de todo o mundo às doutrinas do Cristianismo e as suas próprias convicções elevadas nos poderes milagrosos, sobre os quais não podiam ter sido enganados nem enganado a outros. Supondo, portanto, que Cristo não ressuscitou dos mortos, é certo que, de acordo com toda a probabilidade humana, nunca haveria tal coisa como o Cristianismo, ou ele deveria ter sido sufocado logo após o seu nascimento. Este é um fato sobre o qual não há disputa, mas cristãos e infiéis discordam em contabilizar esse fato. Os cristãos afirmam que sua religião é de origem divina, que cresceu e prevaleceu sob a milagrosa assistência e proteção de Deus; E isto não só afirmam e oferecem provas pelo mesmo tipo de evidência, pela qual todos os fatos remotos são provados, mas pensam que *tudo isso* pode muito bem ser deduzido das maravilhosas circunstâncias de seu crescimento e aumento e sua existência presente. Os infiéis, por outro lado, afirmam que o cristianismo é uma impostura, inventada e realizada pelos homens. Na manutenção dessa assertiva, o seu grande argumento contra a credibilidade da Ressurreição, e *contra* as outras provas milagrosas da origem divina do Evangelho, fundadas em sua existência milagrosa, ou seja, fora do curso normal da natureza, será de nenhuma utilidade para eles, uma vez que eles ainda vão encontrar um milagre em seu caminho, ou seja, o nascimento surpreendente, o crescimento e o aumento do cristianismo. Tais fatos, embora eles não devem ser capazes de explicá-los, eles não podem negar. Portanto, para destruir as evidências que os cristãos lhes tiraram, devem provar que não foram milagrosos, mostrando como poderiam ter sido efetuados no curso natural dos assuntos humanos, por instrumentos tão fracos como Cristo e seus Apóstolos (estes são o que eles têm tomado e tido o prazer de chamá-los entusiastas ou impostores) e por tais meios eles possuíam e empregavam. Mas isso eu imagino estar muito acima da capacidade dos maiores filósofos demonstrar, como é a de provar a possibilidade do executar a gabar-se orgulhoso de Arquimedes (mesmo concedendo sua *Postulatum*) de se mover e manejar o globo da terra, por máquinas de invenção humana, e composta de tais materiais apenas, como a natureza fornece para o uso comum do homem.” (***Observações Sobre a História e as Evidências da Ressurreição de Jesus Cristo***, pp. 442-445).

**George Lyttelton (1709-1773)**

George Lyttelton foi um estadista, autor, e um poeta ingles que foi educado em Eton e em Oxford. Entre outras coisas, ele publicou ***Uma História de Henry II***.

Quando *ainda era* jovem, ele começou a *tentar* provar que Paulo não foi convertido como a Bíblia afirma. Em vez disso, ele escreveu um livro contendo provas de que Paulo realmente foi convertido e que sua conversão é evidência de que Jesus ressuscitou dos mortos. O livro foi intitulado ***Observações Sobre a Conversão e Apostolado de São Paulo*** (1747).

Lyttleton observou que, de uma perspectiva terrena, Paulo não tinha absolutamente nada a ganhar e tudo a perder ao testemunhar que tinha visto a Cristo ressuscitado. Abandonando sua posição e prestígio como um líder religioso judeu, ele se juntou à desprezada seita cristã e foi caçado, zombado e perseguido pelo resto de sua vida, finalmente pagando o preço final por sua fé cristã, a morte por decapitação.

Lyttlelton começou seu livro com estas palavras:

“Em uma conversa demorada que tivemos juntos sobre o tema da religião cristã, eu lhes disse, que além de todas as provas que podem ser tiradas das profecias do Antigo Testamento, da conexão necessária que tem com todo o sistema da religião Judaica, os milagres de Cristo e as evidências da sua Ressurreição pelos outros Apóstolos, pensei que a conversão e o apostolado de São Paulo, devidamente considerados, eram por si só uma demonstração suficiente para *se* provar ser o cristianismo uma Revelação Divina. Como você poderia pensar que uma prova tão compendiosa (*reduzida*) poderia ser útil para convencer aqueles incrédulos que não atenderão a uma série mais longa de argumentos, reuni as razões pelas quais eu suponho essa proposição.” (página 4).

O famoso lexicógrafo britânico Samuel Johnson disse que “*a infidelidade nunca foi capaz de fabricar uma resposta ilusória*” ao livro de Lyttelton.

**Albert Henry Ross (Frank Morison) (1881-1950)**

Albert Ross foi um advogado, jornalista e romancista que cresceu em Stratford-on-Avon, Inglaterra. Ele foi profundamente afetado pelo ceticismo do *seu* tempo, particularmente *pelos* ataques à Bíblia, *realizados* pelo liberalismo teológico e pelo Darwinismo. Depois de se tornar um advogado, ele começou a escrever um livro *objetivando* refutar a ressurreição de Jesus Cristo.

Em vez disso, ele foi convertido e escreveu um livro em defesa da ressurreição intitulado ***Quem Moveu A Rocha*?** - que ainda é impresso nos dias de hoje. Ele escreveu o livro sob o *pseudônimo* de Frank Morison.

“Se você levar sua mente de volta em imaginação para o fim dos anos noventa [**1890**] você vai encontrar na atitude intelectual predominante daquele período a chave para a maior parte do meu pensamento. ...o trabalho dos críticos mais elevados - particularmente os críticos alemães – que conseguiram espalhar uma impressão prevalecente entre os estudantes de que a forma particular em que a narrativa de Sua vida e morte (*de Cristo*) tinha chegado até nós não era confiável, e que um dos quatro registros era nada mais do que um apologético brilhante escrito muitos anos, e talvez muitas décadas, depois que a primeira geração tinha falecido.

Como a maioria dos outros rapazes profundamente imersos em outras coisas, eu não tinha meios de verificar ou formar um julgamento independente sobre essas declarações, mas o fato de que quase todas as palavras dos Evangelhos era justamente então o assunto de disputas, e disputas elevadas *tais que em* muito grande parte ditavam a cor do pensamento do tempo, e eu suponho que eu poderia escapar da sua influência.

Mas havia um aspecto do assunto que me tocou de perto. Eu já tinha começado a ter um profundo interesse na ciência física, e não era preciso ir muito longe naqueles dias para descobrir que o pensamento científico era obstinado e até mesmo dogmaticamente oposto ao que são chamados os elementos milagrosos nos Evangelhos. Muitas vezes as poucas coisas que os críticos textuais tinham deixado erguido a ciência começou a minar. Pessoalmente, eu não anexei nada com o mesmo peso para as conclusões dos críticos textuais como eu fiz a esta questão fundamental do milagroso. Parecia-me que a crítica puramente documental podia estar equivocada, mas me parecia muito improvável que as leis do universo deveriam se voltar sobre si mesmas de uma maneira bastante arbitrária e inconsequente. Não havia o próprio Huxley declarado de modo peculiarmente definitivo que ‘milagres não acontecem’, enquanto Matthew Arnold, com seu famoso evangelho de ‘Doçura Razoável’, passara grande parte de seu tempo tentando desenvolver um cristianismo não milagroso?

Foi nessa época - mais para minha própria paz de espírito do que para publicação - que concebi a ideia de escrever uma breve monografia sobre o que me pareceu ser a fase supremamente importante e crítica na vida de Cristo - os últimos sete dias - embora mais tarde eu viesse a enxergar que os dias que imediatamente sucediam a crucificação eram tão cruciais. O título que eu escolhi foi ***Jesus, a Última Fase***, uma reminiscência consciente de um famoso estudo histórico de Lord Rosebery. …

Esse, brevemente, foi o propósito do livro que eu tinha planejado. Eu queria levar esta última fase da vida de Jesus, com todo seu drama rápido e pulsante, seu fundo nítido e claro da antiguidade e seu tremendo interesse psicológico e humano - para tirá-la de seu crescimento excessivo de crenças primitivas e suposições dogmáticas, e ver essa pessoa supremamente grande como Ele realmente era.

Não preciso ficar descrevendo aqui como, dez anos depois, a oportunidade que me veio de estudar a vida de Cristo como eu há muito tempo queria estudá-la, investigando as origens de sua literatura, examinando algumas das evidências de primeira mão, para formar meu próprio julgamento sobre o problema que ele apresenta. Só direi que isso provocou uma revolução em meu pensamento. Coisas emergiram da história do velho mundo que antes eu deveria ter pensado impossível. Lentamente, mas muito definitivamente, a convicção cresceu *em mim* de que o drama dessas semanas inesquecíveis da história humana era mais estranho e mais profundo do que parecia. Foi a estranheza de muitas coisas notáveis na história que primeiro prendeu e manteve meu interesse. Foi só mais tarde que a irresistível lógica de seu significado *me* veio à vista.

Eu quero tentar, nos demais capítulos deste livro, explicar por que a outra empresa nunca chegou *a um* porto *seguro*, em cujas rochas ocultas se desvaneceram, e como eu desembarquei numa costa inesperada para mim *mesmo.”* (***O Livro Que Recusou-se a Ser Escrito***, Capítulo 1, ***Quem Moveu A Rocha?***).

Morison concluiu que a única explicação que pode satisfazer todos os fatos históricos *é a de* que Jesus Cristo realmente ressuscitou dos mortos. Morison tornou-se um tipo de C S Lewis cristão, crendo na divindade e na ressurreição de Cristo, mas não acreditando na inspiração infalível da Escritura, e seu livro ***Quem Moveu A Pedra?*** é prejudicado por essa posição. Enquanto Morison aceitou os quatro Evangelhos como basicamente históricos, ele acreditava que algumas declarações são mais confiáveis do que outras e algumas coisas poderiam ter sido adicionadas mais tarde. Assim, embora ele tenha jogado fora os grilhões do modernismo teológico, pertencentes à pessoa de Cristo, não jogou fora os grilhões dos igualmente errôneos ‘*princípios da crítica textual moderna*’. Ele sustentava, por exemplo, a falácia que o Evangelho de Marcos deveria terminar no capítulo 16 versículo 8.

**Simon Greenleaf (1783-1853)**

Simon Greenleaf, Professor Real de Direito na Universidade de Harvard, foi uma das mais célebres mentes jurídicas da história americana. Seu ***Tratado Sobre O Direito da Evidência “****ainda é considerado a maior autoridade única em evidência em toda literatura do procedimento legal*”.

Como professor de direito, resolveu expor o “*mito*” da ressurreição de Cristo de uma vez por todas, mas sua profunda análise o forçou a concluir, em vez disso, que Jesus ressuscitou dos mortos. Em 1846 ele publicou ***Um Exame do Testemunho Dos Quatro Evangelistas Pelo Regulamento de Provas Administrado nos Tribunais de Justiça***.

Assim, uma das mentes mais célebres na profissão de advogado dos últimos dois séculos levou a ressurreição de Cristo a julgamento, diligentemente examinou a evidência e julgou-a como um fato estabelecido da história! E isso ocorreu apesar do fato de que ele começou sua investigação como um cético.

Um dos pontos *apresentados por* Greenleaf é que nada além da própria ressurreição pode explicar a mudança dramática nos discípulos de Cristo e sua disposição de sofrer e morrer por seu testemunho.

Considere um excerto:

“Seu Mestre havia perecido recentemente como um malfeitor, pela sentença de um tribunal público. Sua religião procurou derrubar as religiões do mundo inteiro. As leis de cada país estavam contra os ensinamentos de Seus discípulos. Os interesses e paixões de todos os governantes e grandes homens do mundo eram contra eles. A moda do mundo era contra eles. Propagando essa nova fé, mesmo da maneira mais inofensiva e pacífica, eles não podiam esperar mais do que desprezo, oposição, injúrias, perseguições amargas, torturas, prisões, tormentos e mortes cruéis. Contudo, *era* essa fé que eles zelosamente propagavam; E todas essas misérias *as* que eles suportaram resolutos *e corajosos, e ainda mais*, regozijando-se. Como um após o outro foram levados a uma morte miserável, os sobreviventes apenas processaram seu trabalho com maior vigor e resolução. Os anais da guerra militar proporcionam apenas um exemplo da mesma constância heroica, paciência e coragem sem titubeios. Eles tinham todos os motivos possíveis para revisar cuidadosamente os fundamentos de sua fé e as evidências dos grandes fatos e verdades que afirmavam; E esses motivos foram pressionados sobre a sua atenção com a mais melancólica e terrível frequência. Era, portanto, impossível que eles pudessem ter persistido em afirmar as verdades que narraram, se Jesus não tivesse ressuscitado de entre os mortos, e se eles não soubessem desse fato tão certamente como eles sabiam de qualquer outro fato. ...Se, então, seu testemunho não era verdade, não havia nenhum motivo possível para a sua fabricação”. (Greenleaf, ***Um Exame do Testemunho Dos Quatro Evangelistas Pelo Regulamento de Provas Administrado nos Tribunais de Justiça*** *)*

***...continua na Parte II.***

*Revisão 00.*

*Outubro 2017.*